



# OCUPE

## LARGO DA BATATA

---

*COMO FAZER OCUPAÇÕES  
REGULARES NO ESPAÇO PÚBLICO*

A BATATA  
PRECISA  
DE  
VOCÊ

# ÍNDICE

**TERRITÓRIO DA BATATA 5**

**MANIFESTO 10**

**LINHA DO TEMPO 12**

**CONCEITOS 16**

**REFERÊNCIAS 20**

**A BATATA COMO TÁTICA 22**

**INSTRUMENTOS LEGAIS 34**

**MANUAL 37**

**O PROCESSO 42**

**DADOS E PROPOSTAS 44**

**ABSTRACT 48**

**RODAS DE CONVERSA 50**

**BIBLIOGRAFIA 62**

**CRÉDITOS 64**

Realização

**A BATATA  
PRECISA  
DE  
VOCÊ**



**REDES  
ERUAS**

**CULTURA  
SERVIÇOS  
DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA**



**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**

Esse projeto foi contemplado pelo Edital Redes e Ruas de Inclusão, Cidadania e Cultura Digital.



# ESTA PUBLICAÇÃO

foi viabilizada pelo Edital Redes e Ruas, uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo por meio da parceria entre as secretarias municipais de Cultura, Direitos Humanos e Cidadania e Serviços que tem como linhas de ação cinco temas principais: formação, produção artístico-cultural, comunicação, desenvolvimento e ocupação do espaço público pela cidadania. **A Batata Precisa de Você** foi uma das 35 iniciativas selecionadas em 2014 na categoria C, para grupos/coletivos de pessoas físicas, devendo cumprir ao menos 48 horas de atividades nas praças do Programa WiFi Livre SP em uma das macrorregiões da cidade. A distribuição dos projetos contemplados nesta categoria selecionou o mínimo de 5 projetos por macrorregião da cidade e a Batata foi a selecionada com mais pontos da Oeste.

Nos comprometemos com várias atividades pelo Edital, realizadas no primeiro semestre de 2015 e coordenadas pelo núcleo de inscrição do Edital: Conrado De Biasi, Heloísa Sobral, Laura Sobral, Reni Lima e Raphael Franco. Dentre as atividades estão a continuação da ocupação semanal da Batata, organização de rodas de conversa temáticas, oficinas de inclusão digital, realização de um vídeo do projeto, oficinas em outros territórios, hangouts com outros grupos e também a organização e produção dessa publicação. O objetivo da publicação é o registro das ações d' **A Batata Precisa de Você** nesses 18 meses de atividades e também nossa vontade é que ela cumpra a função de guia de *como fazer ocupações regulares no espaço público*, sendo de livre acesso para consulta de qualquer indivíduo ou grupo que queira participar da transformação da sua cidade.





## INTRODUÇÃO

# LARGO DA BATATA

## EVOLUÇÃO DA BATATA

A Batata como ponto de encontro, de troca, de passagem e de permanência. Desde sua primeira ocupação pelos índios guaianás, passando pela chegada dos jesuítas em 1560, até o início da sua urbanização no século XX, o Largo da Batata sempre ocupou um papel de centralidade em Pinheiros e sua trajetória serve como metonímia para o bairro como um todo.

O Largo foi um importante entreposto comercial, de extrema relevância histórica para o Brasil e, em especial, para a capital paulista. Para quem quem vinha da Sé (centro de São Paulo) o Largo era a última centralidade urbana, junto com o Largo de Pinheiros, antes de se cruzar a única ponte em direção ao interior do país, fazendo dele parada natural de tropeiros e bandeirantes que cruzavam da capital da província para as terras além do Tordesilhas. Com a chegada dos imigrantes japoneses em meados do século XX o Largo passa a ser ponto de encontro para

a venda de produtos alimentícios, ganhando, em 1920, a alcunha de Largo da Batata. Com a instalação da Cooperativa de Cotia na mesma década, as rotas de transporte público passaram a convergir para o local, criando um ritmo de trânsito e intercâmbio. Na toada do desenvolvimento, se o comércio avança, a natureza necessariamente recua: em 1927, a The São Paulo Tramway, Light and Power Company é autorizada a canalizar os terrenos na margem do rio, ganhando com isso 25 milhões de quilômetros quadrados de terreno. Assim, as várzeas, que antes eram vizinhas da Batata, foram ocupadas por residências de classe média. A ocupação traz consigo melhorias urbanas, como novo calçamento e linhas de transporte público cruzando o bairro, uma das características que permanecem até hoje.

A relação com a Avenida Faria Lima determina, em grande parte, o desenvolvimento do bairro em duas ocasiões. A primeira, na construção da

via, em 1968, que ocasiona a desapropriação de imóveis, que, por sua vez, fez sumir a região do mercado (sim, o Mercado de Pinheiros como o conhecemos atualmente é de 1971) e a construção do metrô, finalizada em 2010. Foi também no contexto da operação Faria Lima que o prefeito Paulo Maluf, em 1995, aprovou a Reconversão Urbana do Largo da Batata. Um pouco antes, em 1994, a Cooperativa Agrícola de Cotia decretou falência e deixou o local, que logo passou a ser frequentado por camelôs. Ervas milagrosas, que prometiam desde o emagrecimento imediato até o fim do mau olhado são comercializadas no Largo, tendo como pano de fundo açougues que exibiam suas carnes penduradas nas vitrines, casas de forró, lojas de artigos religiosos e casas de prostituição disfarçadas sob simpáticos codinomes que remetiam a drinques.

### UM ESPAÇO DE TENSÃO

O cenário de ocupação intensificou-se após 2007, quando o processo da Operação Urbana propôs-se a alterar as dinâmicas locais – entre elas, um grande emaranhado de pontos terminais de ônibus. Em 2013, a população recebeu de volta o Largo da Batata, mas os 29 mil metros quadrados haviam perdido o ar vibrante do passado. Tampouco contavam com o

centro cultural, a praça com cobertura vegetal e a alameda de paus-ferros prometidos no projeto urbanístico de autoria do arquiteto Tito Lívio, previstos pela Operação Urbana. Vazio, sem árvores, bancos, mesas ou qualquer mobiliário urbano que convidasse ao convívio social, o Largo ressurgiu como um espaço de tensão. À sua imensidão e aridez somou-se um contexto de dramáticas transformações no espaço físico da cidade, marcado por remoções, deslocamentos e especulação imobiliária.

### OCUPE A BATATA

A Batata ganhou destaque nas emissoras de TV brasileiras e internacionais quando, em junho de 2013, tornou-se palco para as manifestações do Movimento Passe Livre, que trouxeram à tona conflitos urbanos e a luta pelo direito à cidade e à qualidade de seus serviços. São Paulo, cidade em que o espaço público em raros casos é verdadeiramente público, mas segregado e higienizado, encarava, neste momento, uma nova forma de resistência — agora, a partir de uma ação coletiva tática construtiva. Em meio a disputas, triunfos e impasses, um pequeno grupo com cerca de 10 participantes passou a ocupar a praça em janeiro de 2014, munidos de algumas cadeiras de praia e guarda-sóis, e tornou



rotineira a sua permanência às sextas-feiras.

Foi a gênese do coletivo **A Batata Precisa de Você**, movimento de apropriação pautado pelo direito à cidade – conceito cunhado pelo filósofo e sociólogo Henri Léfèbvre – que coloca o espaço público como protagonista do cenário de encontro para a construção da vida coletiva nas cidades. A partir de improvisos e gambiarras, o espaço do Largo transformou-se. Seus bancos de paletes, feitos por membros do coletivo e participantes esporádicos, abrigam agora um espaço de diversão, cultura, descanso e, principalmente, de discussão, tornando esse espaço um verdadeiro laboratório público a céu aberto.

### **(RE)CONSTRUINDO A CIDADE**

O processo de construção das cidades e seus espaços públicos ainda é hoje pautado por projetos de larga escala, sem a participação dos cidadãos em sua implementação. Se considerarmos que o valor do território equivale ao seu valor de uso, e não apenas ao seu valor comercial, a atenção volta-se para a construção social do espaço. Neste contexto, o processo torna-se tão importante quanto o projeto. O que propomos, hoje, no Largo da Batata é que ele

seja um território piloto e sua construção, experimental, processual e participativa.

Ao longo desta publicação, desenvolvida com recursos do edital Redes e Ruas, apresentamos o trabalho d'**A Batata Precisa de Você**, explicando seus ideais, metodologia e principais referências. Permeando todos esses temas, será enfatizada a importância da interação nos espaços públicos de São Paulo. A intenção é, a partir da história do Largo e de como nos propusemos a discutir sua ocupação e seu papel no contexto urbano, fornecer sugestões e possíveis caminhos para que outras experiências de apropriação do espaço público se disseminem pela cidade.

# MANIFESTO

A BATATA PRECISA  
DE VOCÊ



ACREDITAMOS NO DIREITO À CIDADE E QUE A PERMANÊNCIA NAS RUAS TORNA A CIDADE MAIS VIVA.

DEFENDEMOS A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PELA SOCIEDADE CIVIL.

ENTENDEMOS A CIDADE COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL, E QUE, POR ISSO, TEMOS QUE PENSAR NOS USOS COTIDIANOS QUE A CONFORMAM

VISLUMBRAMOS UMA NOVA MANEIRA DE SE FAZER CIDADE, DESCONECTADA DOS INTERESSES IMOBILIÁRIOS, A PARTIR DO VALOR DE USO DOS ESPAÇOS E NÃO DE SEU VALOR DE MERCADO.

INCENTIVAMOS CIDADÃOS ATIVOS E NÃO PASSIVOS EM RELAÇÃO AO MEIO EM QUE VIVEM.

PENSAMOS QUE A QUALIDADE DE VIDA URBANA SE CONECTA À DIVERSIDADE DOS USOS E DE PESSOAS QUE HABITAM O ESPAÇO COMUM.




**VEMOS O LARGO DA BATATA  
COMO UM CENTRO CULTURAL  
PÚBLICO, AO AR LIVRE E AUTO-  
GESTIONADO POR QUEM QUER  
QUE SE SINTA MOTIVADO A SE  
ENGAJAR.**

**FOMENTAMOS, COM A BATATA  
PRECISA DE VOCÊ, EXERCÍCIO  
DO DIÁLOGO, INCENTIVANDO A  
NEGOCIAÇÃO ENTRE O DIFERENTE,  
NÃO À CISÃO.**

**ENXERGAMOS A BATATA  
PRECISA DE VOCÊ COMO UM  
LABORATÓRIO PARA A CRIAÇÃO  
DE NOVOS MÉTODOS DE GESTÃO  
COMPARTILHADA PARA OS  
ESPAÇOS PÚBLICOS.**

**TESTAMOS, COM LABORATÓRIO  
DE MOBILIÁRIO URBANO,  
POSSIBILIDADES DO USO DE  
MÓVEIS ADEQUADOS AO NOSSO  
ESPAÇO E ÀS NECESSIDADES DA  
COMUNIDADE QUE ALI OCUPA,  
INCENTIVANDO QUE OUTROS  
GRUPOS FAÇAM O MESMO.**



**SONHAMOS COM  
UMA CIDADE MAIS  
DEMOCRÁTICA,  
MAIS PARTICIPATIVA,  
COM MAIS SOMBRAS  
E ESPAÇOS DE  
ACONCHEGO, COM O  
VERDADEIRO USO DOS  
ESPAÇOS PÚBLICOS**

*DO SÉCULO XX PRA CÁ*

# O LARGO DA BATATA

## NA LINHA DO TEMPO

Imagens: Acervo UH/Folha Press | Cidades para Quem | Gazeta de Pinheiros

### 1910 - 1930

Inauguração do Mercado Caipira e a Cooperativa Agrícola de Cotia tornam o local reconhecido como o “Largo da Batata”, um reconhecido centro de comércio, comandado por imigrantes japoneses, que vendiam batatas.

Na década de 1930, o Largo da Batata assume importância histórica nos meios de transporte em São Paulo, ao receber bondes elétricos, que ligavam o bairro ao centro da cidade.



### 1930 - 1950

A presença de sobrados e pequenos prédios dispostos em vilas e ruas estreitas caracterizou a região, marcada pelos seus usos diversos – habitação comércio e serviços – com, por exemplo, nas ruas Fernão Dias e Paes Leme. Muitas linhas de ônibus circulam e partem do local, tanto rumo ao centro, quanto à periferia, e a região torna-se um importante ponto de baldeação a partir dos anos 50, articulando periferias da Zona Oeste, Sudeste e Sul, entre si e ao centro da Metrópole.





## 1960 - 1990

A partir dos anos 60, a abertura da Avenida Faria Lima, - um alargamento da rua Iguatemi - desemboca no que era o antigo Mercado dos Caipiras, que teve de ser demolido e transferido para o CEASA, construído em 1965. Tal realocação ressignificou o lugar, tornando-o cada vez mais um ponto modal de transporte da população. Os alargamentos dos eixos começaram a dar lugar aos terminais de ônibus, que cresceram dos anos 60 aos 90 na região.



## 1990 - 2010

Em 1995 é lançada pela Prefeitura Municipal a Operação Urbana Faria Lima, que transformaria toda a área no entorno do Largo da Batata. A Operação visou intervenções da Av. Pedroso de Moraes até a Av. Eng. Luís Carlos Berrini. Em 2001, o Largo da Batata foi incorporado à Operação Urbana e sua reconversão foi responsável pela remoção de diversas edificações, incluindo o terminal de ônibus, transferido para a Marginal Pinheiros. As obras foram finalizadas dez anos depois e o Largo da Batata foi entregue junto com a estação de Metrô Faria Lima, vazio e sem mobiliários.

*A BATATA PRECISA DE VOCÊ*

# O LARGO DA BATATA NA LINHA DO TEMPO



**JAN/2014**

Início d'A Batata Precisa de Você

**ABR/2014**

Calendário aberto e primeira oficina da Batata fora da Batata

**JUN/2014**

Festa junina com 2.500 participantes e cobertura do BijaRi

**FEV/2014**

Primeiros bancos da Batata, feitos pelo Rai, do MBP

**MAI/2014**

Primeira oficina de mobiliário urbano temporário no Largo





**NOV/2014**

Bancos do Festival de  
Direitos Humanos da  
Praça do Patriarca

**JAN/2015**

Roda de conversa  
sobre o edital  
Redes e Ruas

**AGO/2014**

Instalação do  
Designok na Batata

**DEZ/2014**

Árvores por todo o  
Largo da Batata  
[iniciativa Sergio Reis]

**MAR/2015**

Casamento na  
Batata





**TEORIA E PRÁTICA**

# CONCEITOS USADOS NA OCUPAÇÃO

Ao longo da realização do projeto, alguns conceitos foram utilizados a fim de embasar o processo de ocupação do Largo da Batata. A seguir, apresentamos um breve glossário com termos úteis para compreender melhor a apropriação feita no espaço, seus métodos e ferramentas.

Vale dizer que esses conceitos, por partirem de uma abordagem mais prática, sofrem constantes modificações em seus sentidos, e que as definições utilizadas foram as que mais se aplicam ao nosso contexto.



## DIREITO À CIDADE

Segundo Henri Léfèbvre, consiste no “direito à vida urbana, transformada e renovada, considerando um contexto em que as classes populares possam se tornar agentes dessa modificação. Léfèbvre parte do conceito de “habitar” como ponto de partida, para que o indivíduo se relacione com a cidade em várias instâncias: transporte, lazer, serviços públicos, etc., ligando, dessa maneira, o bairro (em perspectiva micro) à cidade. Na visão do sociólogo, a cidade está em constante criação e recriação, e a população adquire um papel participativo, democratizando o processo de decisão e ação.



## OPEN DESIGN

Ferramentas e instrumentos de design e projeto (como modelos 3D, ilustrações, ícones, arquivos .cad, etc.) compartilhados via rede, com livre distribuição, reprodução e participação, instigando trabalhos colaborativos e ações DIY, dentro da comunidade Creative Commons. Open design: em português, “design aberto”.



## ESPAÇO PÚBLICO

O termo pode referir-se à esfera pública, ao domínio dos processos políticos, das relações de poder e das formas que estas assumem nas sociedades contemporâneas. Pode também assumir um significado menos abstrato, referindo-se especificamente a lugares com infraestrutura para o uso coletivo, que fazem parte do dia a dia da população: ruas, parques, praças, etc. Há, ainda, significados mais simbólicos para o termo, como o utilizado pelo arquiteto catalão José Luis Cert, que associa o espaço público a pólis grega, como “espaço físico destinado à vida social e cívica do cidadão”.



## GAMBIARRA

Ato de improvisar soluções materiais com propósitos utilitários, a partir de artefatos industrializados. Representa o conjunto de práticas do cotidiano relacionadas à improvisação de objetos industrializados, visam uma finalidade utilitária. Trata-se da subversão no emprego de produtos com uso preestabelecido de acordo com as necessidades do dia-a-dia.



## URBANISMO TÁTICO

São ações de curta duração, baixo custo e microescala, realizadas com o objetivo de melhorar uma pequena parte da cidade, qualificando, assim, o ambiente urbano. No urbanismo tático, intervenções são feitas de baixo para cima (“bottom up”, em inglês). Nelas, a população tem poder de escolha e tomada de decisão no espaço público, o que facilita a catalisação de mudanças a longo prazo, realizadas não somente por urbanistas, mas pela população local, através do engajamento social. A epígrafe do segundo livro da série *Tactical Urbanism* 2, diz: “a falta de recursos não é mais uma desculpa para deixar de agir”.



## REDES PROJETAIS

Interações *bottom-up* (“de baixo para cima”), *top-down* (“de cima para baixo”) e *peer-to-peer* (“entre pares”). Trata-se de conexões entre organizações colaborativas, instituições, poder público, etc., a partir de suas trocas e experiências, com o auxílio de ferramentas abertas e redes sociais.



## DIY | MOVIMENTO MAKER

Antes concentrados num só conceito – o da bricolagem – os termos se referem à construção de projetos por conta própria e com base na experimentação. No contexto do urbanismo, refere-se a um modelo de ação exercido pela sociedade civil com o objetivo de recuperar e requalificar espaços públicos no seu bairro, comunidade ou região, sem buscar um apoio profissional, apenas utilizando ferramentas, instrumentos e materiais e tendo como base a ação colaborativa. DIY: em português, “faça você mesmo”.



## O COMUM

O conceito recorrente do comum se elabora sobre a ideia de que, em nosso mundo atual, a produção da riqueza e a vida social dependem, em grande medida, da comunicação, da cooperação, dos afetos e da criatividade coletiva (Negri e Hardt). O comum compreenderia, então, os ambientes de recursos compartilhados, que são gerados pela participação de muitos e que constituem o tecido produtivo essencial da metrópole contemporânea.



## INOVAÇÃO SOCIAL

É uma nova solução para um problema social, capaz de gerar valor para a sociedade como um todo, e não apenas para alguns indivíduos. Tal solução costuma ser mais eficaz, eficiente ou sustentável que as soluções anteriores. O termo também pode se referir a grupos de pessoas que estão inventando espontaneamente novos modos de vida sustentáveis, a partir do compartilhamento de recursos em diferentes contextos.



## RESEARCH BY DESIGN

Este método pretende utilizar ferramentas simples e baratas de sistematização no processo de pesquisa, e defende o relacionamento direto entre a análise e as proposições. Ele pode ser incorporado como método de trabalho para arquitetos, com a criação de esboços espaciais feitos de determinados materiais, no campo da pesquisa acadêmica e do desenvolvimento social/urbano. Research by design: em português, “Pesquisa pelo design”.





## PLACEMAKING

Movimento que inspira pessoas a reimaginar e reinventarem o espaço público de forma coletiva, colocando como foco o interesse e os desejos da comunidade que o ocupa. Além de ser aberto a novas ideias e com uma abordagem prática a fim de melhorar um bairro, uma cidade ou uma região, o método tem um potencial transformador, pois reforça a conexão entre as pessoas e os lugares que compartilham e incentiva processos colaborativos. Muito além de só promover um melhor desenho urbano, facilita padrões criativos de uso, atentando particularmente a características físicas, culturais e identidades sociais que definem um lugar. Placemaking: em português, “ação no lugar”.

### CONCEITOS INSPIRADOS EM:

O Direito à Cidade

***O Direito à Cidade***

David Harvey, 2013

Open Design

***Open Design Now***

Van Abel, Evers, Klaassen e Troxler, 2011

Espaço Público

***Espaço Público do Urbano ao Político***

Sérgio Abrahão, 2008

Gambiarra

***Fundamentos da Gambiarra***

Rodrigo Bouffleur, 2013

Urbanismo Tático

***Tactical Urbanism 2***

Mike Lydon, 2012

Placemaking

***Project for Public Spaces***

Neal Peirce, 1975

Redes Projetuais

***Design para Inovação Social e a sustentabilidade***

Ezio Manzini, 2007

Inovação Social

***Design para Inovação Social e a sustentabilidade***

Ezio Manzini, 2007

Research by Design

***Research by Design***

Jorgen Hauberg, 2011

DIY | Movimento Makers

***Do-it-yourself Urban Design***

Gordon C. Douglas, 2014

O Comum

***Commonwealth***

Michael Hardt e Antonio Negri, 2011

## REFERÊNCIAS

# INSPIRAÇÕES PELO MUNDO



### *RECETAS URBANAS*

[www.recetasurbanas.net](http://www.recetasurbanas.net)

Em 2003, Santiago Cirugeda fundou o escritório de arquitetura Recetas Urbanas, com o objetivo de desenvolver projetos de subversão em diferentes esferas da realidade urbana. Já realizou diversos projetos de ocupação e conversão de espaços privados em espaços públicos, como o espaço La Carpa, em Sevilha.



### *IMAGEM*

[www.imagemdamargem.blogspot.com.br](http://www.imagemdamargem.blogspot.com.br)

Situado no Grajaú, o mais populoso dos 96 distritos paulistanos, o Projeto Imagem é uma intervenção multidisciplinar, cujas ações visam ampliar os olhares e aguçar as sensibilidades de todos (educadores e participantes) para o espaço urbano – espaço entendido como a paisagem povoada.



### *MOVIMENTO BOA PRAÇA*

[www.movimentoboapraça.com.br](http://www.movimentoboapraça.com.br)

O Movimento Boa Praça atua na Zona Oeste de São Paulo e mobiliza pessoas, empresas, governos e instituições para ocupar e revitalizar os espaços públicos, em especial as praças da cidade, devolvendo a elas o seu propósito inicial, de locais de convívio, lazer, debate e inclusão.



### *TODO POR LA PRAXIS*

[www.todoporlapraxis.es](http://www.todoporlapraxis.es)

O grupo de Madrid, Espanha, é formado por uma equipe multidisciplinar que desenvolve construções colaborativas de dispositivos e micro-arquiteturas que permitem a reconquista do espaço público e de uso coletivo.



## ***RAUMLABOR***

[www.raumlabor.net](http://www.raumlabor.net)

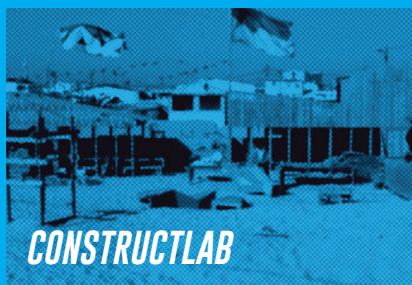
O raumlabor é um grupo de arquitetos sediados em Berlim, que desenvolve um trabalho entre os campos da arquitetura e arte pública. Raumlabor, cujo nome significa “laboratório espacial”, cria projetos baseados em torno de eventos, performance e teatro, muitas vezes com a participação da comunidade. O raumlabor usa a arquitetura e urbanismo como ferramentas de reflexão para pensarmos o mundo em que vivemos.



## ***EL CAMPO DE CEBADA***

[www.elcampodecebada.org](http://www.elcampodecebada.org)

Em 2010, a comunidade do bairro La Latina, em Madri, uniu-se para discutir os usos para um terreno em que ia ser construído um equipamento público. E o converteram em um ponto de encontro dos moradores da região. O local passou a sediar discussões sobre o uso do próprio espaço e ganhou a intervenção de artistas locais. Tudo construído de maneira participativa.



## ***CONSTRUCTLAB***

[www.constructlab.net](http://www.constructlab.net)

ConstructLab é uma prática europeia de construção colaborativa de trabalho em projetos efêmeros e permanentes. Ao contrário do processo de arquitetura convencional, em que os projetos são de um arquiteto e a construção é feita por outras pessoas, no ConstructLab os projetos concepção e construção andam juntos: o designer projeta, constrói e dá continuidade ao projeto ao longo da construção. O canteiro de obras já não é o lugar de incerteza, mas o contexto em que o projeto pode ser enriquecido pelas oportunidades inesperadas que surgem no local.



## ***PRAIAS DO CAPIBARIBE***

[www.capibaribe.info](http://www.capibaribe.info)

O coletivo do Recife realiza intervenções culturais, visando a transformação dos espaços da beira do Rio Capibaribe em lugares de convivência cidadã.



# A BATATA PRECISA DE VOCÊ COMO TÁTICA URBANA



"A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos" escreveu o sociólogo francês Henri Léfèbvre no livro *O Direito à Cidade*.

Embora a maior parte da população mundial viva geograficamente próxima nos grandes centros urbanos – os encontros com o diferente, de que fala Léfèbvre – o reconhecimento da alteridade, é cada vez mais restrito: as praças como a clareira para o respiro, a rua como o espaço da jornada para o desconhecido são substituídas por ambientes comerciais, nos quais para conviver é necessário também consumir sob suas luzes frias. E, nessa forma de organização, observamos uma cidade na qual os interesses individuais se sobrepõem aos coletivos.

Em São Paulo, a construção formal do território urbano frequentemente baseia-se em megaprojetos, distantes em sua concepção do interesse coletivo. Muitas vezes, embora elaborados por escritórios de arquitetura renomados, pecam ao desconhecer as dinâmicas desses espaços públicos e as expectativas e necessidades de seus frequentadores e moradores. Assim, construídos de cima para baixo, sem familiaridade com o usuário

final, frequentemente o resultado não agrada quem mais utilizaria o local da construção ou reforma. Nesses casos, o que resta à população fazer?

A resposta pode estar na organização e articulação da sociedade civil e do interesse coletivo. Aos poucos, vemos despontar, na cidade, iniciativas que propõem transformar a dinâmica urbana e repensar a forma como construímos e utilizamos os espaços públicos.

Essas iniciativas valorizam a qualidade da ocupação dos ambientes pela presença humana e atividades temporárias, construindo uma narrativa coletiva sobre e no território e incentivando a apropriação da cidade pelo cidadão.

**A Batata Precisa de Você** acredita que, para termos uma cidade mais humana, é necessário articular as pessoas, para que elas vejam o espaço público como uma oportunidade para a intervenção e a reinvenção.

## COMO FUNCIONA

Todas as sextas-feiras, a partir das 18h, chegam ao Largo de Pinheiros pessoas carregando elementos que darão o conforto básico àquele espaço: guarda-sóis, cadeiras de praia, almofadas, cangas, redes e tendas. Se antes o grupo causava estranhamento

entre os comerciantes e transeuntes, hoje estes já sabem que aquele pessoal sentado nas cadeiras de praia na praça fazem parte da Batata, e vivem inventando novos usos para aquele vasto – e antes vazio – espaço.

A cada semana acontecem atividades diferentes: em sua existência, a Batata promoveu jogos de rua – como peladas, amarelinha, taco, frisbee e peteca – sessões de ioga e alongamento, oficinas de bombas de sementes, de crochê e de leitura, karaokê, apresentações de música, cinema, debates, etc. A agenda é aberta e tudo é organizado colaborativamente. Todas as sextas, até pelo menos meia-noite, tem “agito” no Largo da Batata.

Os encontros são, em grande parte, organizados *online*, em um grupo aberto no Facebook. Para envolver moradores e frequentadores das proximidades do Largo, a regularidade das ocupações tem se mostrado muito importante, somando cada vez mais pessoas ao movimento e não restringindo a organização ao virtual. Embora a Internet ajude muito na mobilização, o engajamento e o ativismo se dão de forma presencial, nos encontros, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos tão valorizados por Léfèbvre.

Após 18 meses de atividades, o Largo está visivelmente mais movimentado e é utilizado para atrações culturais e de lazer em outros dias da semana e horários por outros grupos de pessoas. Não é mais só na sexta-feira que a Batata está se tornando um centro cultural público, construído coletivamente e auto-organizado.

**A Batata Precisa de Você** propõe também um diálogo com o poder público, se posicionando como um movimento de cidadãos ativos, que participam da vida pública da cidade. Não há necessidade de escolher entre o formal ou o informal, já que, juntos, se potencializam. Para isso, documentamos as nossas experiências, mapeamos nossa evolução e convidamos o Poder Público a participar do processo, assim como procuramos participar do que é realizado por ele, acompanhando suas etapas, pedindo e analisando os resultados. Nos contatos até agora travados, a troca tem mostrado uma perspectiva promissora e esperamos que, no futuro, a Batata seja reconhecida como laboratório de experimentos urbanos, norteando a criação de políticas públicas e ações semelhantes em outros locais.

Para que isso seja possível, **A Batata Precisa de Você** não conta ape-

nas com pessoas animadas e ações improvisadas. O grupo segue alguns princípios básicos, frutos de pesquisa na área do urbanismo tático e de muitos testes e aprimoramentos. A seguir, iremos explorar os pilares que baseiam o trabalho do grupo.

### A BATATA COMO TÁTICA URBANA

Um dos principais conceitos por trás da Batata é o urbanismo tático, nome dado a movimentos que utilizam projetos rápidos, compactos ou temporários para demonstrar a possibilidade e o potencial de mudanças em larga escala e a longo prazo no espaço urbano.

Essas microintervenção possuem forte caráter político, uma vez que expõem carências de espaços públicos e demandas da população que vive ou passa por esses locais. As microintervenção são também propositivas, demonstrando formas de ação imediatas, com impacto direto no ambiente construído. Em todo o mundo, intervenções pontuais organizadas em espaços urbanos por práticas coletivas oferecem uma reflexão crítica sobre o papel do arquiteto ou do urbanista, pois abrem espaço para que a população construa sua cidade, sem a necessidade de projetos, plantas ou extensos estudos prévios (confira alguns



exemplos na página 18). Essas ações, de rápida articulação e execução, mudam o olhar sobre os problemas urbanos, utilizam recursos locais e favorecem o experimento. De forma simples e com pouco dinheiro, as intervenções sugerem usos alternativos, e, com frequência, inesperados, nos quais a participação do usuário funciona como um teste do potencial do espaço.

### ATIVACÃO CULTURAL

Para que tais táticas urbanas não sejam apenas ações isoladas de um indivíduo ou grupo, mas tornem-se um movimento autossustentável e que mobilize a população do entorno, é necessário modificar a cultura de uso do espaço.

O primeiro passo para iniciar uma intervenção urbana bem-sucedida é a realização de um diagnóstico sobre o local. Esse estudo não deve ser visto como algo apenas técnico e alheio a quem mora e circula no território, mas como um processo participativo e colaborativo, no qual é pensado o que seria interessante para o lugar, e do que as pessoas sentem falta lá.

Muitos dos pontos indicados pelos frequentadores a serem melhorados no espaço público não são infraestruturais, mas culturais. Ou seja,

depende do seu engajamento para que a realidade seja transformada. Entretanto, o cuidado e a apropriação do espaço não são adquiridos instantaneamente: a esfera pública é comumente sentida como alheia, já que realizar atividades fora de ambientes privados não é comum na cidade de São Paulo.

Por isso, é preciso insistir no fomento às atividades culturais, esportivas e de lazer regulares no espaço público. Assim, aos poucos será construída uma cultura de interação entre cidadão e cidade, com a criação de vínculos afetivos e efetivos com o território, gerando respeito e cuidado com o local.

### ARQUITETURA TEMPORÁRIA

A cultura de uso do espaço não é o único pré-requisito para uma ocupação dar certo. A existência de móveis em ambientes públicos é essencial para que um lugar torne-se confortável e acolhedor, e não apenas um local de passagem. No entanto, São Paulo, ainda aprendiz na ocupação do espaço público, é deficitária em mobiliário urbano, em qualidade e em quantidade. No Largo da Batata, isso ficou evidente após o término da tão esperada reurbanização: não havia bancos para sentar, descansar, conversar, namorar, esperar. O sol a

pino no meio da praça deserta, sem bancos, sem árvores, sem sombras.

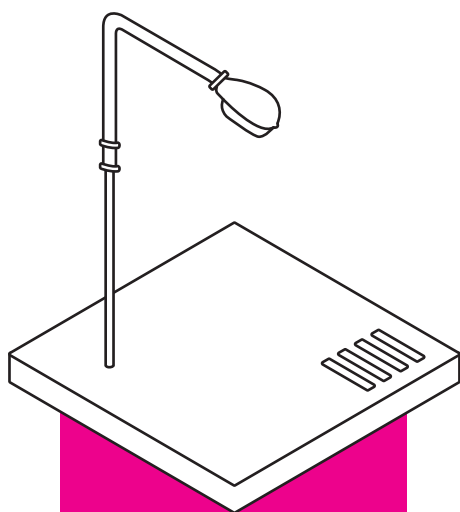
Em muitas cidades, a falta de mobiliário urbano não é aleatória, mas pensada justamente para não atrair ocupantes “indesejados”. Assim, a ausência de bancos afastaria moradores de rua, espaços sem sombras inibiriam ambulantes e assim por diante.

Seguindo essa lógica sem móveis, mantendo seu traço de inospitalidade, os locais permaneceriam vazios, limpos, assépticos, sem oferecer risco ou trabalho para quem as gerencia.

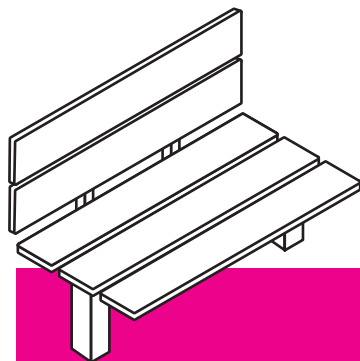
## CONVIVENDO NO ESPAÇO PÚBLICO

Ao levar para o Largo cadeiras de praia e guarda-sóis em um primeiro momento; ao fabricar bancos e mesas na sequência, a Batata coloca-se como uma alternativa ao ambiente estéril: conviver com a população de rua, com a comunidade dos imigrantes, com as senhorinhas do bairro, com o vendedor de milho, com os que saem apressados do metrô, com os estudantes, com curiosos. Todo mundo junto, todo mundo misturado.

Acreditamos que construir um espaço com mobiliário urbano de qualidade oferece estrutura para que as pessoas exerçam atividades fora



**ESPAÇO  
PÚBLICO**



**CONFORTO  
BÁSICO**

de suas casas, como ler, praticar esportes, descansar e encontrar com amigos. Assim, o emprego de bons mobiliários urbanos resulta em mais segurança, pois a partir do momento em que um uso para o espaço é criado e sua finalidade atingida, há um fluxo constante de pessoas, e as praças, ruas e arredores terão os seus “vigilantes” em forma de vivacidade no espaço público.

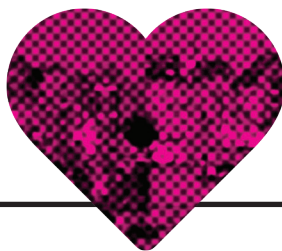
Passamos a entender que o espaço público deve ser zelado, simplesmente porque nos pertence, porque o ocupamos. Por isso, uma das estratégias adotadas pela **A Batata Precisa de Você** foi o emprego da arquitetura

temporária, com a criação de protótipos de mobiliários urbanos, como bancos e mesas de madeira, feitos de pallets, guarda-sóis criados com telas.

Ao prototipar mobiliário urbano, entendemos que se trata de uma produção rápida, coletiva e de baixo custo. Com isso, esboça-se uma astuta estratégia para entender quais são os usos e dinâmicas do lugar, pois a resposta da adesão vem de maneira quase imediata, deixando claro se o mobiliário atendeu aos desejos da comunidade que usa o espaço. Essa prototipagem na Batata dá-se de forma colaborativa e hori-



**CONVIVÊNCIA  
E PERMANÊNCIA**



**CIDADE  
MAIS HUMANA**

zontal, por meio de oficinas gratuitas nas quais todos são bem-vindos. Esses momentos de criação e discussão com a comunidade são importantes ferramentas para incentivar a participação e o zelo com o espaço – afinal, quando você fabrica um Batatabanco (veja o tutorial na página 37) o cuidado com o seu uso cotidiano será dobrado. E mesmo as pessoas que não atuam diretamente na construção do mobiliário podem ficar curiosas e interessadas com as novas peças criadas e, aos poucos, passam a notar que um espaço, antes vazio, possui potencial para ser ocupado e preservado.

### UM ESPAÇO PARA TRANSFORMAR

Mas como bons móveis prototipados que são, o zelo não pode ser extremo: a missão com que vieram ao mundo é para que sejam modificados, recodificados, adaptados, remixados às necessidades e demandas que se transformam constantemente. Para que os habitantes possam agir de forma mais livre, a Batata procura planejar sem excluir apropriações espontâneas, desenhar permitindo a participação, construir sem criar a condição de estanque, permitir que a cidade se transforme e que os habitantes possam adaptá-la continuamente ao mundo em que vivem, ao espaço que ocupam.

Esse tipo de arquitetura temporária serve como um teste eficaz da recepção aos móveis pelas pessoas que circulam no local. Se ninguém quer sentar em um banco, por exemplo, talvez ele não seja confortável e precise ser repensado, antes de ser construído com material de maior durabilidade. A avaliação resultante da arquitetura temporária não se limita ao mobiliário urbano. Instalações efêmeras mostram diferentes possibilidades de uso de um local. Em seus 18 meses de atuação **A Batata Precisa de Você** já produziu um bom mapeamento de uso do lugar, que pode ser empregado em etapas futuras, como a instalação de mobiliários permanentes e recepção de outros projetos temporários.

A própria elaboração desta publicação é também resultado dessa experiência de ativação de um espaço que ainda está em movimento, em processo. Aqui não há fórmulas definitivas, chavões de sucesso ou garantia de êxito. Com ela, procuramos incentivar que outras pessoas e grupos mapeiem seus bairros, abram espaço para conversas com associações de bairro, prefeituras, governos e outras instâncias da política pública, “hackeando” a nossa experiência e tornando-a própria, específica, local e rica.





# A BATATA PRECISA DE VOCÊ

COMO ORGANIZAÇÃO  
COLABORATIVA



**É SEMANAL**

**OCUPA O LARGO COM  
MOBILIÁRIO TEMPORÁRIO**

**TEM UMA AGENDA DE ATIVI-  
DADES CULTURAIS ONLINE,  
ABERTA E SEM CURADORIA,  
NO LARGODABATATA.COM.BR**

**É ORGANIZADO PRESEN-  
CIALMENTE ÀS SEXTAS E DE  
MANEIRA PERMANENTE PELO  
GRUPO ABERTO NO FACEBOOK  
ORGANIZA AS ATIVIDADES DE  
FORMA COLABORATIVA**

**FOMENTA, ARTICULA E DÁ  
SUPORTE A OUTRAS ATIVIDA-  
DES NO LARGO QUE OCORRAM  
EM OUTROS DIAS**

**BUSCA A ORGANIZAÇÃO HORI-  
ZONTAL E O DIÁLOGO COM  
TODAS AS PESSOAS, GRUPOS  
E INSTITUIÇÕES**

**PROMOVE OFICINAS DE  
CONSTRUÇÃO DE MOBILIA-  
RIO URBANO PARA O LARGO E  
ARTICULA O LUGAR COMO UM  
LABORATÓRIO**





**ALGUNS DXS BATAFEIRXS**

**RENI LIMA**

**“A GENTE CONSTRUIU UMA  
RELAÇÃO DE AMIZADE ALÉM  
DESSA CONSTRUÇÃO COLETIVA  
DO ESPAÇO PÚBLICO. HOJE  
TEMOS MUITO CARINHO PELO  
LARGO E UM PELO OUTRO”**

**KATIA MINE**

**“PRA MIM SE TORNOU  
FUNDAMENTAL ESTAR AQUI  
TODAS AS SEXTAS-FEIRAS,  
É UMA QUESTÃO POLÍTICA”**

**RACHEL SCHEIN**

**“A GENTE COMEÇOU A  
ENTENDER MELHOR O QUE  
PRECISAVA PRA QUE O LUGAR  
SE TORNASSE UM ESPAÇO DE  
PERMANÊNCIA, DE CONVIVÊNCIA”**

**“AS VOCAÇÕES E POTENCIAIS DO LUGAR SÃO DISCUTIDOS EM TODOS OS ENCONTROS. ESTANDO AQUI AS QUESTÕES FICAM MUITO EVIDENTES”**

A portrait of Laura Sobral, a woman with dark hair, smiling slightly. The image has a blue halftone dot pattern.

**LAURA SOBRAL**

**“OS PRIMEIROS ENCONTROS FORAM MUITO ESPECIAIS, UM DOS MAIS EMBLEMÁTICOS FOI QUANDO FIZEMOS A FAIXA DE PEDESTRES PERFORMÁTICA”**

A portrait of Leo Bianchini, a man with dark hair, looking forward. The image has a magenta halftone dot pattern.

**LEO BIANCHINI**

**“FOI ASSIM, EU ESTAVA PASSANDO PRA IR PRO METRÔ, DAÍ ME DISSERAM VEM, E EU FUI... E ASSIM FOI”**

A portrait of Juli Mastroeni, a woman with dark hair, looking forward. The image has a blue halftone dot pattern.

**JULI MASTROENI**

**ALGUNS DXS BATAFEIRXS**





**ALGUNS DXS BATAFEIRXS**

**MARIANA MARCHESI**

**“QUANDO FINALMENTE TIRARAM OS TAPUMES, VI QUE ERA UMA PRAÇA QUE SÓ TINHA O CIMENTO, AQUILO ME DEIXOU MUITO REVOLTADA”**

**RAPHAEL FRANCO**

**“FORAM MUITAS EXPERIÊNCIAS EM 2014 E MUITAS SERVIRAM COMO UM TERMÔMETRO DO QUE FUNCIONA NESSE ESPAÇO”**

**BARAO DI SARNO**

**“DESDE O COMEÇO, A IDEIA ERA VIR TODA SEXTA, SEMPRE FOI MUITO IMPORTANTE”**

# INSTRUMENTOS LEGAIS

## NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO

***PARA TRANSFORMAR A CIDADE, É IMPORTANTE CONHECER AS DIRETRIZES DE BASE PELAS QUAIS FUNCIONA, OU SEJA, SEUS CÓDIGOS, SUAS LEIS.***

Para qualquer mudança legal, é imprescindível saber de onde partimos, e, então, reformular e construir novos resultados.

Nos últimos anos, notamos o início de uma movimentação da gestão pública para se adequar às demandas de coletivos culturais e de artistas, que, por sua vez, também se articularam melhor na formulação de suas demandas.

Assim, grande parte da legislação referente ao uso do espaço público em São Paulo contempla, em seus textos, o desejo da descentralização da iniciativa de atividades culturais exercida somente por parte do poder público, e a garantia de condições favoráveis à realização de atividades culturais em espaços públicos.

Um exemplo na cidade de São Paulo é a Lei Orgânica Municipal, de 1990. No artigo 191, o município garante a todos o exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura, observado o princípio da descentralização, apoiando e incentivando a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Quanto à prática destas atividades culturais, o artigo 114 discorre sobre os modos pelos quais pessoas ou empresas são autorizadas a utilizar determinados espaços, especificando diferentes tipos de permissões e permanências para a instalação temporária de estruturas e a utilização de determinados locais para a realização de atividades por cidadãos ou empresas.

**Em 2013, a Prefeitura de SP regulamentou a arte de rua por meio da lei municipal nº 15.776, seguida do decreto nº 55.140 de 2014, garantindo a liberação das áreas públicas para a livre manifestação dos artistas e a organização dessas atividades por meio de regras simples. É bastante útil e na internet é fácil encontrar a cartilha ilustrada *Arte na Rua – um guia ilustrado sobre a legislação da cidade de São Paulo para artistas de rua.***

**NO ENTANTO, MUITAS VEZES ESSES INSTRUMENTOS LEGAIS NÃO SÃO POSTOS EM PRÁTICA POR GESTORES PÚBLICOS, POR FISCAIS E ATÉ MESMO PELA POPULAÇÃO. POR ISSO, REPRODUZIMOS AQUI AS ORIENTAÇÕES DO “PASSOS PARA DANÇAR”, ELABORADO PELO BAIXO CENTRO E ALGO DA LEGISLAÇÃO COMPILADA NO TFG DE CAROLINA LA TERZA, PARA QUEM DESEJA REALIZAR ATIVIDADES EM ESPAÇOS PÚBLICOS. AINDA ACRESCENTAMOS ALGUMAS ORIENTAÇÕES NOSSAS, DA EXPERIÊNCIA D’A BATATA PRECISA DE VOCÊ.**

## ***NA RUA, LEMBRE-SE:***

### **CONHEÇA AS LEIS DE SUA CIDADE**

Pesquise quais são as regras para o uso do espaço público e leve consigo informações sobre essas leis.

### **TEMOS LIBERDADE PREVISTA EM CONSTITUIÇÃO**

de reunião e de associação (Constituição Federal (CF), art. 5º, XVI); de manifestação do pensamento (CF, art. 5º, IV); de consciência e de crença (CF, art. 5º, VI); de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação (CF, art. 5º, IX); e de locomoção no território nacional (CF, art. 5º, XV). E essa liberdade de ir e vir contempla o direito de permanecer em praças e outros locais públicos.

### **DOCUMENTE**

Qualquer ação policial que vá contra os itens da Constituição é ilegal.

### **MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS**

não são contra a lei. As autoridades pedem apenas que sejam notificadas, para evitar problemas.

## **NÃO SOMOS OBRIGADOS A PORTAR UM DOCUMENTO DE IDENTIDADE**

por nenhuma lei.

## **SEMPRE PEÇA A IDENTIFICAÇÃO DO POLICIAL QUE TE ABORDAR**

e, se ele pedir sua identidade, fique calmo. Você não precisa entregar e, se o fizer, ele não pode reter o documento. E lembre-se: ele não pode te prender por não estar identificado. Mas o policial pode pedir o nome do seu pai, sua mãe e sua data de nascimento e te encaminhar à delegacia para assinar um "termo de comparecimento".

## **O POLICIAL NÃO PODE INFRINGIR DIREITOS**

e garantias individuais, como a "liberdade de locomoção", o "direito de reunião" e o de "livre manifestação do pensamento". O fato dele abordá-lo e falar um pouco mais ríspido, em vários casos, não se enquadra como tal. Mas ele proibir qualquer atividade apenas por vontade própria pode ser contra a lei. Peça sempre (e gentilmente) que ele justifique toda e qualquer ordem.

## **E, LEMBRE-SE: DOCUMENTE!**

## **SEJA PACÍFICO, DIALOGUE**

Embora os ânimos possam estar exaltados, mantenha a calma. Oposição a algumas ordens policiais pode ser considerada "crime de resistência". Responder bravo ou xingar um policial é prisão, na certa. Conversar com um policial é uma oportunidade de entender tudo isso que está escrito aqui.

## **QUALQUER BLOQUEIO PODERÁ SER CONSIDERADO COMO INFRAÇÃO,**

pois as ruas são para o movimento, para o tráfego. Use sempre as calçadas. Se precisar de mais espaço, opte por praças e parques e evite bloquear o acesso a estabelecimentos comerciais e escolas, por exemplo.

## **ABRA A COMUNICAÇÃO**

com a associação de bairro, subprefeitura ou prefeitura. É sempre um bom caminho para a construção pacífica de um espaço público de fato ativado. No fundo, todos querem a mesma coisa: uma cidade mais justa, menos violenta e com pessoas nas ruas. A construção conjunta entre as partes é o caminho para isso.



**MANUAL**

# **ATIVACÃO E OCUPAÇÃO**

## **SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO**

***COMO FAZER OCUPAÇÕES  
REGULARES NO ESPAÇO PÚBLICO***

**OCUPAR  
CONSTRUIR  
USAR**

**01. OBSERVAR O ENTORNO**

**02. IDENTIFICAR O TERRITÓRIO  
E SUAS POTENCIALIDADES**

**03. DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO**

**04. ELENCAR AS PRIORIDADES DE  
ACORDO COM A SUA VIABILIDADE**

**05. ARTICULAR INTERESSADOS  
EM PARTICIPAR E ESTIPULAR  
FREQUÊNCIA DOS ENCONTROS**

**06. ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO  
INTERNA E EXTERNA**

**07. A MANUTENÇÃO E O CUIDADO**

**08. O BALANÇO**

# BATATAS CONSTRUTORAS

## MOBILIÁRIO URBANO

O coletivo Batatas Construtoras formou-se a partir de experiências de prototipagem de mobiliário urbano para o Largo da Batata como parte das ações do A Batata Precisa de Você. Os objetivos são: fortalecer a relação afetiva da população com o Largo da Batata; evidenciar o potencial de um espaço hoje tão árido como local de convivência; testar possibilidades de ocupação e prototipar infraestrutura permanente que melhore a qualidade do Largo como espaço público. É um exercício de democracia em escala local, um movimento de cidadania e de fomento ao direito à cidade. Uma maneira que as pessoas têm de se manifestar de maneira propositiva por melhorias imediatas.

Há atividades de construção de mobiliário temporário no próprio Largo, conduzidas pelas Batatas Construtoras, que transformam o Largo em uma marcenaria a céu aberto e constroem de maneira colaborativa. O coletivo Batatas Construtoras tam-

bém atua em outros espaços públicos urbanos, sendo ele no momento da impressão dessa publicação (julho de 2015) composto pelos batateiros André Macêdo, Barão Di Sarano, Conrado De Biasi, Laura Sobral, Leonardo Armellin, Raphael Franco e Reni Lima.

A existência de mobiliário urbano nos espaços públicos faz com que estes se tornem lugares de estar, de encontro, fazendo as cidades mais vivas, agradáveis e seguras. Um espaço ocupado se contrapõe ao espaço público cuja característica principal é ser passagem, “terra de ninguém”. O registro e a sistematização da evolução da ocupação e das batataconstruções pretende inspirar outras pessoas a ocupar com arquiteturas temporárias o espaço público das suas cidades.

01

## BATATABANCO

Você vai precisar de:

Parafusadeira

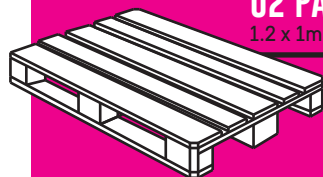
Serra circular ou serra tico-tico

Broca de aço rápido nº4 para

furos-guia para parafuso

Cola de madeira

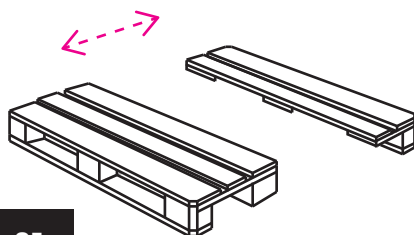
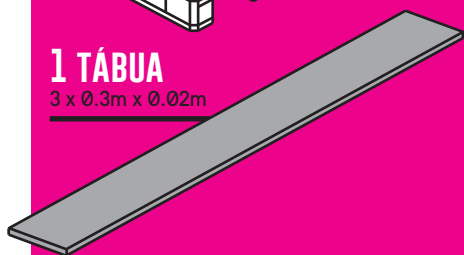
30 parafusos Phillips 4,5x7mm



02 PALLETS  
1.2 x 1m

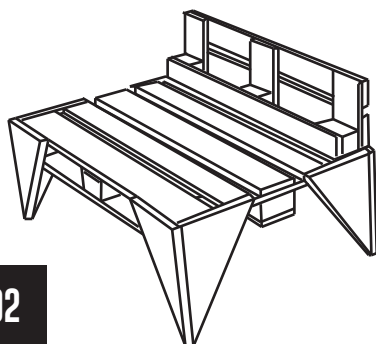
1 TÁBUA

3 x 0.3m x 0.02m



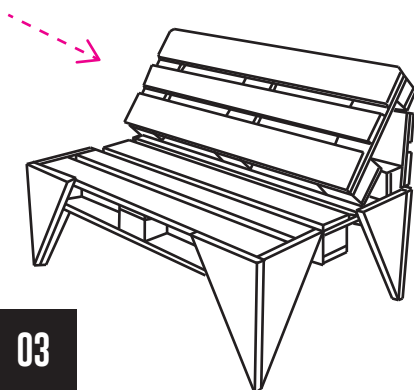
01

Divida um dos pallets.



02

Faça triângulos com a tábua e instale como os pés do pallet inteiro. Fixe a parte menor do pallet dividido em uma das extremidades.



03

Termine o encosto fixando a outra parte do pallet dividido, em ângulo.

02

## MASP FAVELINHA

Você vai precisar de:

Parafusadeira

Serra circular ou serra tico-tico

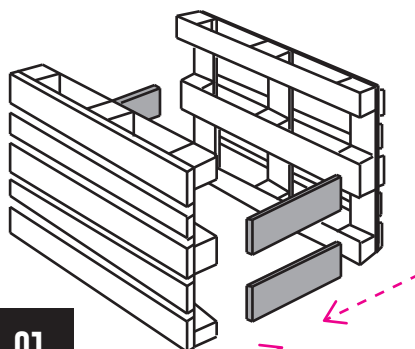
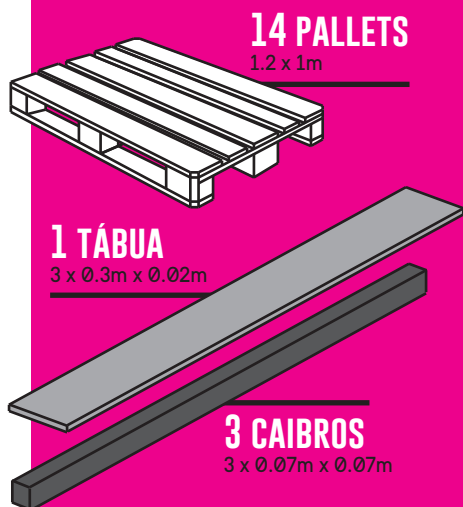
Broca de aço rápido nº4 para

furos guia para parafuso

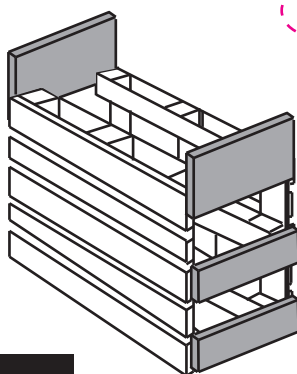
Cola de madeira

100 parafusos Phillips 3,5x4mm

40 parafusos Phillips 4,5x7mm

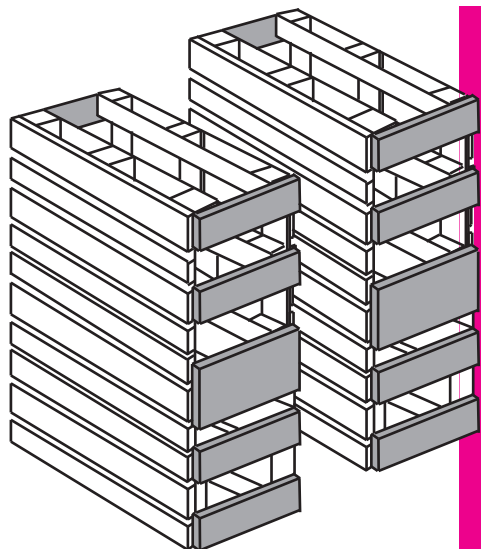


Una os pallets com pedaços da tábua



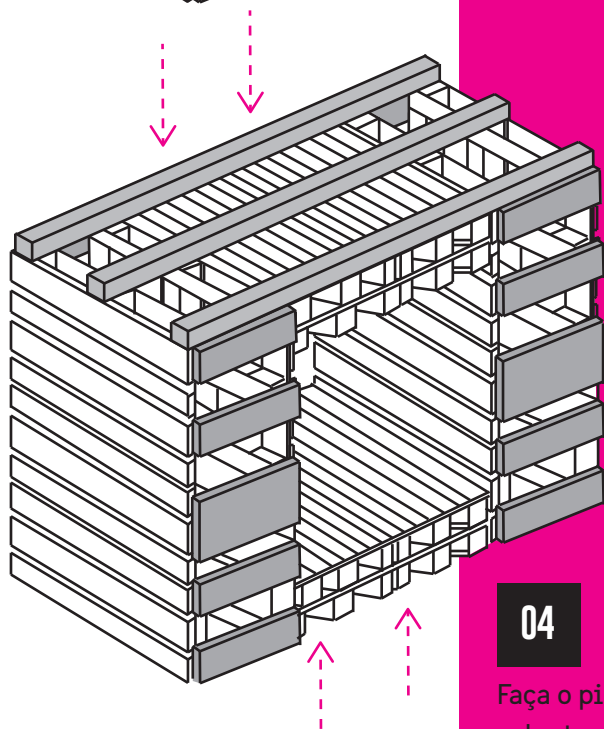
Faça 04 módulos deste





**03**

Empilhe os módulos aos pares, criando duas torres



**04**

Faça o piso da peça com pallets e a cobertura também  
Fixe a cobertura com os caibros passando por cima de toda a peça

# O PROCESSO

## ANÁLISE, DIAGNÓSTICO E DIRECIONAMENTOS

### DE LÁ PARA CÁ

Em 18 meses de ocupação do Largo da Batata, foram muitas as conclusões e os aprendizados. Após mais de 74 encontros, a Batata recebeu todos os tipos de atividades: rodas de discussão; fabricação de mobiliário urbano e oficinas de artes; debates com presenças relevantes, como o Secretário Municipal de Cultura Nabil Bonduki, a urbanista Raquel Rolnik e o arquiteto e crítico Guilherme Wisnik; conversas com outros grupos que lutam pela apropriação do espaço público na cidade. E, ainda, tivemos sucesso ao sermos selecionados pelo edital Redes e Ruas. Hoje, podemos dizer que o Largo da Batata é um novo território, completamente diferente daquele que a Operação Faria Lima entregou em 2013. O que era um espaço disfuncional, um grande vazio usado como espaço de passagem, agora, verdadeiramente, é um lugar de afeto, do qual as pessoas passaram, gradualmente, a encarar como público de fato, um território comum.

Nossa experiência mostrou de forma clara que tanto o poder público quanto a sociedade civil ainda têm muito o que aprender quando o assunto é construir juntos e atuar em parceria para uma cidade melhor. A sociedade civil não vê urgência em uma gestão participativa superficial, mas sim em uma gestão interativa, verdadeiramente participativa, portadora de uma nova política.

No entanto, para que novos processos sejam testados — como é o caso da ideia de uma gestão compartilhada e interativa — e sejam investigados, é de absolutamente necessária a existência de múltiplos territórios-piloto na cidade.

**74 ENCONTROS**

**+ DE 300 ATIVIDADES**

**+ DE 13 MIL PESSOAS MOBILIZADAS**

**+ DE 25 CANTEIROS CUIDADOS**

**~ 60 NOVOS MOBILIÁRIOS URBANOS**

**1 FAIXA DE PEDESTRES FORMALIZADA**



## O QUE A BATATA AINDA QUER

Queremos que o Largo seja um espaço de uso público e de qualidade, de vitalidade e identificação cultural. Queremos ser reconhecidos como um espaço experimental metropolitano de exercício de autonomia cidadã, com regras próprias, com legislação que legitime seu caráter de terreno de teste. Neste momento, por exemplo, buscamos um método para consolidar a Batata como laboratório metropolitano de mobiliário urbano e, junto ao poder público, definir uma metodologia que transforme os mobiliários experimentais existentes – de caráter temporário, prototipados pelos Batateiros, testados e aprovados pela comunidade – em permanentes. Isso, mantendo sempre a característica da Batata de sempre gerar novo mobiliário experimental e continuar testando, prototipando e consolidando o que for testado e aprovado. A partir desse trabalho, estudos podem ser desenvolvidos para mobiliários em outro contexto, convertidos em uma aplicação de

larga escala, replicados para outros espaços da cidade. Esperamos que novas experiências possam ser realizadas com o uso de diferentes metodologias, e, transformadas em novos casos bem-sucedidos, transformem-se tornem-se em acordos alternativos entre sociedade civil e outros atores do espaço urbano, até com a possibilidade de serem adotadas como se tornarem-se novas políticas públicas.

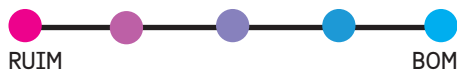
Pensar na Batata é pensar em novos métodos de produzir o urbano a partir dos espaços públicos da cidade. Ferramentas, ações e colaboração fomentam e abrem caminhos para um novo pensar urbano. Replicabilidade de táticas, conceitos e ferramentas são apenas alguns dos diversos aspectos que este lugar possui. Hoje a Batata representa união, uma alternativa à segregação no espaço disputado da metrópole contemporânea, uma nova forma de encarar a cidade e uma certeza de que, sim, é possível construir a cidade a várias mãos.

LEVANTAMENTO DE DADOS

# A BATATA COMO É

## AVALIAÇÃO DO ESPAÇO

pesquisa feita em abril de 2014



**PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO**



**SEGURANÇA**



**ESPAÇO AGRADÁVEL**



**ESPAÇOS PARA CAMINHAR**



**ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA**



**TER ONDE SENTAR**



**PAISAGENS**



**CONVIVÊNCIA**



**ATIVIDADES FÍSICAS**



**ESCALA HUMANA**



**APROVEITAMENTO DO CLIMA**



**EXPERIÊNCIA SENSORIAL**



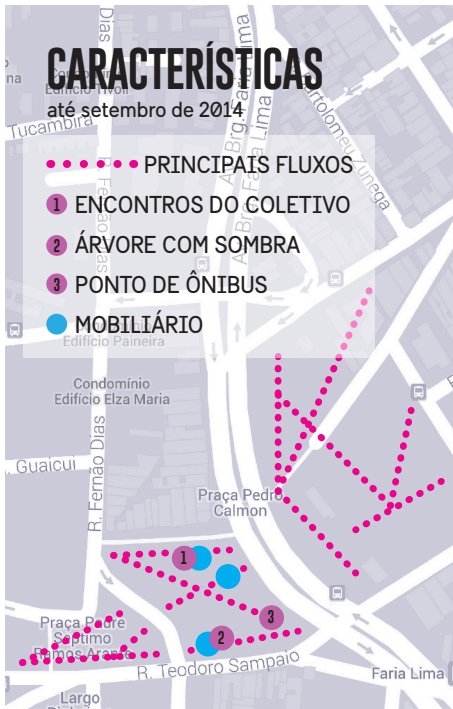
## LOTES RESIDUAIS



## FACHADAS







Informações organizadas a partir de levantamentos feitos pelo A Batata Precisa de Você e também a partir dos dados gerados nos três workshops organizados pela Prefeitura de São Paulo sobre o Largo entre 2014 e 2015.



**PROPOSTAS**

# A BATATA COMO QUEREMOS

## TROCO SONHO POR UM SONHO

Evento no Largo, onde, em troca de sonhos de padaria, foram recolhidos sonhos das pessoas para a Batata

- Espaço permanente para fogueira
- Mais assentos
- Pista de skate
- Mais sombra
- Centro esportivo
- Lugar para dançar
- Água fresca
- Mais cores
- Mais lazer
- Fim dos prédios
- Energia elétrica para eventos
- Volta dos camelôs
- Área de estar
- Museu
- Fim da descaracterização do Largo
- Centro Cultural para jovens
- Quadra de futebol
- Mais eventos musicais
- Roda de capoeira
- Festas populares
- Teatro
- Eventos de arte / saraus
- Ponto de encontro dos povos
- Cinema ao ar livre
- Oficinas de arte e mobiliário
- Escambo e doações de livros
- Happy hours
- Escrever um livro sobre a Batata
- Parquinho
- Rodas de leitura para crianças
- Mais verde
- Mais amor
- Horta comunitária
- Mais flores
- Árvores frutíferas da região
- Cuidar dos moradores da praça
- Mais pessoas
- Plantação de batata
- Igualmente diferentes
- Mais sonhos realizados
- Mais vida
- Mais paz
- Empatia
- Menos classe média
- Mais segurança
- Fim do bolovo e da PM
- Mais ciclistas
- Gramado
- Cultura nordestina
- Mais sonho de padaria
- Mais viola
- Mais pássaros

# ANÁLISE DE USO DO MOBILIÁRIO DO LARGO

Sondagem realizada em 01, 08 e 11/5/2015, sextas-feiras das 19 às 21h com transeuntes

## USO



## FUNÇÕES PREDILETAS



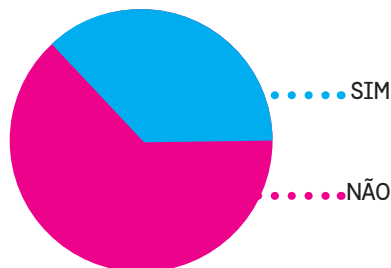
## SUGESTÕES

- Quantidade boa, falta variedade
- Cobertura para proteger da chuva, calor, pérgola ou outra sombra
- Mesa grande para estudar, escrever, desenhar, ler, trabalhar, comer
- Mais bancos com encosto
- Bancos e mesas perto do mercado
- Biblioteca

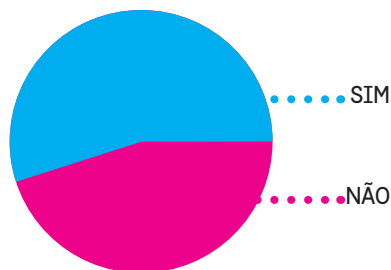
## O QUE FALTA?

- Banheiros
- Mais árvores e plantas, para sombra, beleza e conforto térmico
- Equipamentos de ginástica
- Parque infantil
- Melhorar o palco dos artistas (tamanho, cobertura, iluminação)
- Sinalização de informação para pedestres

## MORA EM PINHEIROS?



## CONHECE O MOVIMENTO?



Informações organizadas a partir de levantamentos feitos pelo A Batata Precisa de Você, atividade de maquete coletiva feito pelo Acupultura Urbana, Placegame feito pelo Conexão Cultural e também a partir dos dados gerados nos três workshops organizados pela Prefeitura de São Paulo sobre o Largo entre 2014 e 2015.

**ABSTRACT**

# THE POTATO NEEDS YOU

In a context where Brazilian people living in big cities spend less and less time in public spaces and most of the interactions happen in private or commercial areas, a group has decided to challenge this reality. In 2014 they created a cultural occupation at the unattractive Potato Square, in the district of Pinheiros, proving that the right to the city is still important in the 21st century. Here is their story.

The Potato Square was for centuries a place of coexistence of different cultures and lively commerce. Before the colonisation, the place was a settlement for the Guaianás native tribe. Later, it became a proper square, with the arriving of the Jesuits priests, in 1560. On the 20th century, Japanese immigrants transformed once more the site, creating a market of fruits and vegetables, hence the name Potato Square. In the following decades, the place became a converging spot for public transport and a meeting point for Brazilian migrants from the north. In 1995, after the city mayor Paulo Maluf approved a plan to redevelop the area, the once so lively Potato Square was transformed in a construction site. In 2013, when the renovation was finished, the new square revealed itself as an arid open space. There were no trees to protect people from the heat, no sitting areas and no grass or flowerbeds. The new space

reflected a hygienist policy in a moment where the neighbourhood of Pinheiros was going through intense real estate speculation and gentrification.

Outraged by this context, a group of ten people started going to the deserted square every Friday evening, carrying beach chairs and sunshades, with the goal to simply occupy the place and give a social and cultural purpose to it. The group, named A Batata Precisa de Você (The Potato Needs You), quickly became a collective, and since January 2014 it has been promoting a weekly occupation at the place, organising concerts, performances, open talks about urban issues, collaborative woodworking, bike repair, story-telling workshops, guerrilla gardening actions, among other activities. Though these actions, A Batata Precisa de Você created an exercise of participatory democracy at a local level, discussing metropolitan issues in order to imagine alternative ways for a better urban living.

The project's goals are to raise awareness about the right to the city through the proposal of hacking and prototyping street furniture, expanding the idea of public territory and transforming the city in a cooperative lab. Making use of concepts such as micro interventions and temporary architecture, the collective constructed wood benches, chairs,

a Ping-Pong table and even a stage for concerts, highlighting the potential of the space as a place of coexistence and testing possibilities for its permanent occupation.

In order to promote the gatherings and create a democratic debate about the next activities to be organised, the collective has a Facebook page. The online platform also encourages discussions related to urban issues, civil empowerment, sustainable space tactics, collaborative initiatives and DIY interventions as a response to socio-political issues.

More than one year after the beginning of the collective's practices, the changes in the Potato Square are visible. The square became a meeting point for people to hang out after work, and it hosts different cultural events, such as concerts, parties as well as civil demonstrations. The actions of the group caught attention of the media and the government, and the Batata Precisa de Você was invited to get involved in similar activities in other areas of São Paulo. Gradually, the group is becoming a reference for initiatives that foster social transformation and innovative ways to think urban planning under the concept of tactical urbanism. In the future, the collective aims to expand the activities' scope, funding new constructions, workshops and equipment.



*RICARDO CORRÊA*

# O ONTEM NO AMANHÃ DO LARGO

Os lugares de maior movimento nas cidades, a partir do século XX, foram formados pela dialética entre circulação e permanência — onde não se entende circulação como espaço de passagem, mas de pessoas que transitam de um ponto a outro e, por algum motivo, seja ele obrigatório ou por conveniência, ficam por alguns momentos nestes locais.

Os Largos, seja o da Batata, do Café ou qualquer outro formado ao acaso ou não, na confluência entre caminhos, em qualquer cidade de origem portuguesa, tem esse potencial: o de ser um lugar, local de circulação e permanência.

O atual Largo da Batata, historicamente, teve essas características, ao longo de sua história. Formado, inicialmente, na confluência das ruas Paes Leme, dos Pinheiros, do Comércio e Cardeal Arcoverde, no coração do bairro de Pinheiros, possui as características de passagem e parada, desde a sua formação com os tropeiros. E, próximo daí, estabeleceu-se no Largo de Pinheiros o mercado caipira — posteriormente, mercado municipal. Na década de 1930, passou a ser um terminal para bondes e, depois, com a desativação destes, um terminal de ônibus. Dessa



maneira, o seu entorno foi se consolidando para atender a esse público em circulação e tornando-se, cada vez mais, um lugar para a permanência das pessoas.

Ao longo do tempo, o Largo foi entrando em conflito com suas características de local de circulação para se tornar um não-lugar de fluxo. A ampliação da Avenida Faria Lima até sua conexão com a Pedroso de Moraes, na década de 1990, e a transferência do terminal de ônibus e a abertura da estação de metrô no local, nesta década, consolidaram a sua transformação, e artistas, como do Ateliê Carla Caffé, retrataram sua “perda de memória”.

Para o Largo da Batata voltar a ser um lugar com seu apelo histórico, deve haver uma redução de velocidade — da velocidade de todos que transitam por lá, inclusive da avenida Faria Lima, que agora o atravessa. O Largo precisa de alguma atratividade prática para a vida urbana e, para isso, novamente, tem que ser pensado como lugar de encontro, de intermodalidade entre diferentes usuários — por exemplo, o bicicletário (estive presente em sua discussão na Prefeitura, em janeiro de 2013, junto com outros coletivos, quando defini-

mos a sua instalação junto à floricultura), deve ser ampliado, favorecendo a multimodalidade entre todos os meios de transporte, para que o Largo da Batata sirva de exemplo para a cidade, integrando metrô, ônibus, bicicletas, pedestres carros, táxis. Voltando a ser um local de grande circulação e que atraia as pessoas para a sua permanência — não só a contemplação de um vazio urbano.

**E QUE VOLTEM AS FEIRAS,  
QUE VOLTEM AS BATATAS!**

**Ricardo Corrêa** sócio-fundador e coordenador geral da TC Urbes, Ricardo é formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAAP e mestrando em Planejamento Urbano e Regional na FAU-USP. É coautor do livro *A Bicicleta e as Cidades* e criador da bicicleta Urbana. Atua como consultor em planejamento de modos suaves de transportes para institutos nacionais e internacionais.

# CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO

## ALTERNATIVAS PARA UMA CIDADE DE TODOS

O ativismo urbano está na ordem do dia, tanto pelas manifestações políticas e os “occupy” pelo mundo, quanto pelas ações urbanas que reivindicam o uso efetivo dos espaços públicos. Fruto do cruzamento de muitos fatores, esse ativismo decorre da combinação entre a evidente exaustão dos modelos políticos tradicionais, por um lado, e a ascensão das práticas autogestionárias através das novas redes de compartilhamento, por outro. É nesse contexto que um movimento recente contra a construção de um shopping em uma praça de Istambul ganhou repercussão mundial. É também nesse contexto que, em São Paulo, grupos ativistas da sociedade civil, organizando-se de formas colaborativas, horizontais e independentes, passaram a ocupar intensamente certas áreas da cidade, tais como o Minhocão e o seu entorno, o Parque Augusta e o Largo da Batata. Ações conhecidas como “urbanismo tático”.

O movimento “A Batata Precisa de

Você” surgiu em janeiro de 2014, como um grupo de pessoas que passaram a realizar encontros na praça às sextas-feiras no final da tarde e à noite. Ganhando uma repercussão inesperada, o grupo passou a servir também como plataforma colaborativa para a organização de eventos variados naquele mesmo espaço, organizando um calendário comum de atividades, e fornecendo apoio logístico para a realização das mesmas. São debates, apresentações musicais, cinema ao ar livre, oficinas, saraus, jogos, festas, e um laboratório de mobiliário urbano que se dedica à construção de bancos de praça. O objetivo fundamental do movimento é a transformação desse espaço estéril e de passagem em um lugar de estar, que possa durante um certo tempo agregar as pessoas. Trata-se de uma guerrilha urbana, procurando apropriar-se de um enorme descampado árido, sem bancos, sombra ou proteção contra a chuva, e com parca iluminação e árvores esqueléticas.

Ao contrário da “plaza mayor” na América hispânica, que disciplina o desenho em grelha das cidades a partir de um espaço público nítido, os “largos” lusitanos, no caso brasileiro, são em geral espaços sobran-tes e irregulares, resultados, muitas vezes, da expansão de pátios e terreiros de igrejas. No caso de São Paulo, alguns desses largos se tornaram importantes centros regionais da metrópole, tais como os Largos 13 (Santo Amaro), da Concórdia (Brás) e da Batata (Pinheiros), marcados por uma relação simbiótica entre transporte público, comércio informal, alta aglomeração humana e urbanidade caótica. Espaços vitais, porém muito precários.

Principal obra pública da Operação Urbana Faria Lima, iniciada por Maluf nos anos 1990, o novo Largo da Batata surge com a chegada do metrô e o deslocamento do terminal de ônibus para a Marginal Pinheiros, acompanhando uma nova vocação corporativa para a área. Erradicando o antigo comércio local, a obra criou um espaço desertificado, tido formalmente como espaço público, mas feito sob medida para que nada mais aconteça efetivamente ali. O Largo virou Esplanada.

Lembrando que a região abrigou des-

de longa data mercados populares (o mercado caipira, depois o Mercado de Pinheiros), e tem seu nome ligado à cooperativa de agricultores japoneses que ali estabeleceram seu importante entreposto de comércio de batatas, vejo um paralelo entre o nosso Largo e o Les Halles parisiense, principal mercado popular da capital francesa até a sua destruição em 1971 para a construção de um enorme shopping, que é considerado um dos maiores fracassos urbanos da segunda metade do século XX. Não por acaso, foi recentemente demolido e encontra-se em processo de revisão e transformação. Voltando ao nosso caso, podemos indagar quanto tempo ainda teremos que ficar com essa novíssima batata quente na mão. Mas tomando o exemplo do grupo que atualmente está incentivando o uso daquele lugar, entendemos que, em tais condições adversas, “a Batata” precisa mesmo é de nós. Isto é, são as pessoas organizadas pelo idealismo cívico que poderão, em alguma medida, reinventar em novas bases, pelo uso, aquele lugar como espaço público.

**Guilherme Wisnik** arquiteto e crítico, professor da FAUUSP, foi o curador da 10ª edição da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Este texto foi publicado no dia 12 de abril de 2015 no caderno “Ilustríssima”, da Folha de S. Paulo e cedido para esta publicação.

*RODA DE CONVERSA - BENJAMIN SEROUSSI*

# PATRIMÔNIO IMATERIAL, HISTÓRIA DA REGIÃO E GENTRIFICAÇÃO

O patrimônio material e o patrimônio imaterial me parecem inseparáveis. Da mesma forma, os usos da cidade e a urbanização da cidade são inseparáveis. Quem age num, portanto, age também no outro: ativando o que ali está abafado ou abafando o que ali tenta se manifestar. No caso do Largo da Batata, acredito que é muito interessante desenterrar as camadas de sua complexa e conflituosa história, e isso tem que ser feito com as forças vivas que continuam resistindo e que podem ser potencializadas.

Quem resiste não derruba, mas segue lutando. E é nessa luta constante que existe a possibilidade de frear, desconstruir e desmontar constantemente as forças mais reacionárias em jogo na cidade que hoje levam, por exemplo, à gentrificação. Ao mesmo tempo, a resistência pode constantemente propor, construir e remontar outros modos de viver: uma cidade diversa, social e culturalmente, um lugar de morar, de lazer, de brincar, não apenas de consumo e negócios.

Uma forma de potencializar as forças que continuam resistindo no Largo é abrir este espaço para a conversa e para o conflito – ao invés de apaziguar. Essa conversa pode ser afinada tanto na própria praça – com associações do bairro, instituições do entorno (SESC, Praça Victor Civita, Instituto Tomie Ohtake), em escolas ou ainda na escala da cidade, em parceria com lutas de outras praças e parques (Organismo Parque Augusta, Parque da Fonte ou Hub Livre).

O que A Batata Precisa de Você vem fazendo, por meio de eventos festivos e de sutis intervenções urbanas, me parece fundamental para abrir esse espaço da conversa e de conflito. Estou ansioso para ver como isso vai crescer, pois é incomodando a cidade que a cidade vai entender porque ela também precisa da Batata!

**Benjamin Seroussi** mestre em sociologia da arte e em gestão cultural, foi curador associado da 31ª Bienal de São Paulo; é um dos diretores da Casa do Povo e trabalha atualmente na concepção e no desenvolvimento do projeto “Vila Itooró, canteiro aberto”.





# A CULTURA HACKER E A GAMBIARRA

A filosofia da gambiarra é muito similar a da cultura hacker. As duas têm o mesmo princípio: faça você mesmo! Pra permanecer e criar novas possibilidades de uso nos espaços públicos das cidades (uma verdadeira odisséia contra a cultura do não lugar), só na gambiarra mesmo.

Quer reunir uma galera para conversar sobre o próprio uso da praça, ali mesmo, e pro clima ficar mais agradável quer ligar uma caixa de som. Mas não tem tomada! Aí você pede energia emprestada pro bar. O cara do bar topa. Você descola uma extensão que vem do bar até a praça. Rola o som e a roda de conversa. Mas não tem onde sentar. Pega umas caixas de pallets, faz um esquema, dá uma colorida com tinta e constrói uns bancos. Coloca na praça. Tudo na gambiarra, ou seja, sem megaprojetos “oficiais”, no colaborativo e no criativo. Mas como juntou essa galera? Chamo essa mistura de hacker + espaço público + gambiarra + colaborativo de remixologia!

Talvez, pela nomenclatura levamos a coisa do hacker mais pro lado da tecnologia da informação e de sistemas complexos. A base para a construção de um software livre é o processo colaborativo, isto é, o código é livre exatamente para que quem quiser poder adaptá-lo e modificá-lo sem pedir autorização. Essa liberdade fomenta a livre cooperação de vários hackers para construir melhoras em comum no *software*. Remixando essa prática para um ambiente presencial, como uma praça pública, identificamos que a praça é um laboratório de experimentações em cooperação e convivência.

Fazer na “gambiarra” nunca é excelente, seria muito melhor ter energia disponível para eventos públicos na praça né? Eum bebedouro? Nosso sonhado BBB público (banco, banheiro e bebedouro). Mas é na ação gambiarrística que se impulsiona a comunidade e o poder público a conquistar essas demandas comuns. A praça é um *software* livre. A internet

é uma praça pública, e por enquanto, ainda é o maior espaço público do mundo. Em um grupo online, combina-se ações e encontra-se parcerias para realizações de projetos comuns numa praça pública. Metáforas da construção de um *software* livre.

**Jonaya de Castro** experimentalista, jornalista e produtora cultural. Inventou o labExperimental.org com uns amigos para hackear escolas, espaços públicos e modelos ultrapassados de pensamento.

# ESPAÇO DE CONFORTO

## ARQUITETURA, SUSTENTABILIDADE E DESIGN

“Não cruzarás o mesmo rio duas vezes, porque outras são as águas que correm nele.”

**Heráclito de Éfeso** (aprox. 535 a.C. – 475 a.C.)

Artigas dizia que o arquiteto deve projetar casas como cidades e cidades como casas. Essa afirmação levanta o tema da fronteira urbana entre o público e o privado a partir da interação entre o objeto arquitetônico e o vazio [1]. A recente intensificação das manifestações de ocupação do espaço público levanta uma nova perspectiva a essa assertiva: as cidades como casas pressupõem o aconchego e a apropriação dos espaços livres.

A cidade precisa de conforto: bancos, brinquedos e espaços generosos para as pessoas. O mobiliário urbano deve naturalmente incorporar um desenho que garanta permanência e convívio, deve estimular novos usos e interações, e deve ser convidativo. Dessa necessidade urge uma atenção especial ao desenho do vazio em detrimento do objeto arquitetônico. Mas quais formas e estratégias esses

espaços vazios devem assumir?

Segundo Solà-Morales [2] existem dois sentidos para o espaço vago:

**1)** vazio, livre, improdutivo; e **2)** obsoleto ou impreciso, indefinido, vago e sem limites. O segundo sentido permite a criação de novas situações urbanas, que, alheias ao circuito produtivo, fazem aflorar a liberdade, criatividade e a diferença.

A implantação do Plano de Revitalização do Largo da Batata gerou grande frustração diante da expectativa da população após seus 11 anos de obra. O projeto finalizado resultou num espaço obsoleto que, no entanto, motivou ricas manifestações de transformação urbana. Essas intervenções, com novas estratégias temporais, distinguem-se de modelos anteriores por serem transitórias, temporárias e flexíveis, nos seguintes sentidos:

**Transitórias**, porque as experiências de produção e implantação do mobiliário no Largo da Batata reforçam a cida-



de como laboratório urbano. Esse campo de teste e experimentação produz mobiliários a partir de pallets, pinus e objetos de caçamba. Sua fragilidade material demanda atenção e cuidado, mas, ao mesmo tempo, estimula o desprendimento de manutenção da sua forma original. A produção e a manutenção do mobiliário são participativas, feitas por coletivos e pela população, criando experiências de liberdade, engajamento, pertencimento, afeto e apropriação no espaço público.

**Temporárias**, porque as experiências-piloto garantem testar e simular novos usos e ocupações através de ações imateriais ou do uso de materiais do cotidiano. Um bom exemplo pode ser visto aos domingos, dias em que o Minhocão é fechado para o tráfego de veículos. A ocupação informal se dá com cadeiras de praia, guarda-sóis e diversos mobiliários pessoais e domésticos: o público se apropria do espaço de maneira temporária e pode ampliar seus usos, atrair novas intervenções, ou simplesmente ressignificar o local.

**Flexíveis**, porque as intervenções até podem ter sua materialidade peregrina e durável, porém assumem formas não enrijecidas. São itinerantes, móveis, desmontáveis, transportáveis ou mutáveis, e assim assumem diver-

sas configurações. A exemplo disso, os parklets, que são construídos com materiais perenes, de grande durabilidade, e por isso têm a possibilidade de permanecer por longo tempo em um local, porém são construídos de forma que possam ser modificados, transportados e reciclados.

A temporalidade das intervenções está ligada ao desejo de reinvenção e dinamização dos nossos espaços urbanos. Afinal, a cidade deve propiciar o encontro, a troca e a coexistência.

**“Ter uma vida significa recriá-la sem parar. [...] Em vez de ficar passivo diante de um mundo que não o satisfaz, ele vai criar outro, onde poderá ser livre. Para poder criar a sua vida, precisa criar esse mundo. E essa criação, como a outra, é parte de uma mesma sucessão ininterrupta de recriações.” [3]**

[1] PERINI, P.G.A.; LEÃO JR, R.M.S. Entre a síntese e a complexidade, um debate sobre a crise do objeto arquitetônico. In: KNEIB et al. Projeto e cidade: ensaios acadêmicos. Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2013.

[2] SOLÀ-MORALES, I. Territorios. Barcelona Gustavo Gili, 2002.

[3] NIEUWENHUYNS, C. “New Babylon”. In: CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: G.Gili, 2013.

**Guilherme Ortenblad** arquiteto e urbanista, sócio fundador do Zoom Urbanismo, Arquitetura e Design com foco em diversas escalas de projeto. Um dos realizadores dos parklets pilotos em SP, que colaboraram para sua regulamentação como política pública. Como integrante do DesignOk, implementou o Jardim Pop no Largo.

# MANEIRAS DE FAZER CIDADE

## PARTICIPAÇÃO E GESTÃO COMPARTILHADA

A cidade de São Paulo é composta por uma infinidade de identidades, que se manifesta através de uma diversidade de modos de fazer, sua pluralidade é a base de sua existência. A coletividade se dá na integração destas manifestações individuais e que se realizam principalmente nos locais públicos.

A gestão pública deve zelar pelo espaço urbano e seu patrimônio e aproximar as políticas existentes das demandas locais reconhecidas. Os Conselhos, que são espaços abertos e pensados para a aproximação do cidadão com a gestão pública, são pouco valorizados pelos gestores e muitas vezes utilizados apenas para validar questões já consolidadas. São políticas públicas elaboradas de cima para baixo, que acabam distanciando a cidade do desejo do cidadão.

Na perspectiva de criar um espaço de exercício coletivo local e um modelo de gestão compartilhada, auxiliando na administração do nos-

so patrimônio e ganhando força para nos posicionarmos dentro das esferas de decisão, nós, moradores da região, resolvemos revitalizar uma casa pública que encontramos abandonada: a “casinha” da Praça Waldir Azevedo.

Em bom estado estrutural, mas com muita sujeira, infiltrações e vidros quebrados, ela estava prestes a ser demolida. Quando encaminhamos essa questão aos gestores públicos, buscando mecanismos para a consolidação de uma reforma na casa, a sugestão que tivemos foi a de entrarmos com uma solicitação através de um CNPJ.

Entendemos que a ação vinculada a uma pessoa jurídica dá caráter privado a uma ação eminentemente pública e que desimplica a subprefeitura do seu papel de administradora do espaço público. Nesse sentido, criamos uma Lei 289/2013 que dispõe sobre gestão participativa de praças e que acabou de ser sancionada.

As subprefeituras foram criadas para a administração aproximar-se das questões locais. Hoje, carregam pouco do projeto original e estão esvaziadas, sem estrutura e com poucos funcionários. Por isso, acabam omitindo suas responsabilidades.

Para se gerir de maneira compartilhada, é necessário fortalecer os mecanismos de gestão participativa possibilitando a clareza no que se refere às responsabilidades e objetivos. O investimento em um Estado forte e a manutenção do público sob domínio público é a base desta nova forma de fazer. Sem os quais, o ativismo político se torna ainda mais necessário.

Mesmo sem a participação do poder público, a casa que ocupamos não é mais a mesma que encontramos — ela tem vida! As pessoas se relacionam e se transformam mutuamente através da interação das suas histórias particulares. Sabemos que estamos executando ações que extrapolam nossa responsabilidade. Por outro lado, entendemos que, ao participarmos cada vez mais das esferas de decisão e trazermos à tona os exemplos bem-sucedidos destas coletividades, maior será a possibilidade de caminhar em direção à cidade que sonhamos.

**Cecilia Lotufo** fundadora do Movimento Boa Praça e representante eleita do Conselho Participativo Municipal e do Conselho do Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz da Subprefeitura de Pinheiros.

# COMO SE DESLOCAR EM SP?

## A INTERMODALIDADE E SEUS DESAFIOS

Da mesma forma que a gente cresceu aprendendo a pensar que quando falamos das características de uma montanha estamos falando de geografia – e que quando falamos de uma guerra que aconteceu em cima desta montanha estamos falando de história e, ainda, que quando falamos sobre uma árvore que está nessa montanha estamos falando de biologia – costumamos classificar o ato de ir de casa para o trabalho, o deslocamento, como um tema de transporte. Quando, na realidade, ir de casa para o trabalho (ou de onde for para aonde for na esfera da cidade) é um tema de saúde, de impacto no mundo, uso do tempo, experiência, curiosidade, conhecimento, distâncias (não só físicas), convivência com os outros, alcance, acessos, contato com a natureza, olhar da cidade, descobertas, segurança, trocas e etc.

Nos (mal) acostumamos a ter que fechar uma gaveta (na nossa mente) para abrir outra dependendo do que estamos falando/fazendo, e a colo-

car cada coisa nova da nossa vida dentro de uma única gaveta específica, tentando assim organizar o nosso entendimento do mundo. Talvez, o primeiro passo para compreender e praticar a intermodalidade e desfrutar da complexidade positiva da experiência de sair de um ponto e chegar a outro passando por infinitos pontos no trajeto (porque FELIZMENTE não nos teletransportamos) seja abrir mão de uma vez desta “cômuda cerebral” que nos limita e conectar todos os pontos.

Afinal, se deslocar, também conhecido como o famosíssimo “ir e vir”, é tão vital quanto se alimentar. Porém, enquanto o ato de comer (ou de não comer) está muito além da temática da sobrevivência, permeando temas como celebração, lazer, cultura, conhecimento, experiência, consciência, saúde, (jejum) transcendência e até mesmo protesto (greves de fome), o deslocamento continua sendo apenas um tema meio, que a centralidade é um transporte que



garanta chegar a algum lugar. O dia que formos capaz de comemorar um aniversário no ir, e estar se exercitando no vir, será o dia em que teremos condições de entender que o deslocamento é feito pelas pessoas e que os transportes são ferramentas (muito importantes) de suporte ao deslocamento. O dia em que pudermos escolher as nossas formas de ir e vir – ou seja se vamos começar andando, pegar um trem na sequência e depois uma carona, ou se vamos começar pedalando e depois pegar um ônibus e andar um pouco, ou ainda pegar um táxi e depois um teleférico, entre outras infinitas combinações – da mesma forma que escolhemos onde, o que e por qual razão saímos para comer, vamos naturalmente nos desenvolver e nos deslocar de forma intermodal. Mas a realidade é que neste dia não estaremos pensando nisso, e sim no exercício, nos encontros e nos prédios interessantes no meio do caminho.

**Leticia Sabino** formada em Administração de Empresas e pós-graduada em Economia Criativa e Cidades Criativas, é idealizadora e fundadora do SampaPé! e da Cidade Humana. Secretária executiva da Comissão Técnica de Mobilidade a Pé e Acessibilidade da ANTP e cofundadora da Associação pela Mobilidade a Pé em São Paulo.

# BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

## TEÓRICAS E PRÁTICAS

ABRAHÃO, Sérgio Luiz. **Espaço público: do urbano ao político**. 2011.

AN ARCHITEKTUR. **On the Commons: A Public Interview with Massimo De Angelis and Stavros Stavrides**. Disponível em: < <http://www.e-flux.com/journal/on-the-commons-a-public-interview-with-massimo-de-angelis-and-stavros-stavrides/>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. **Fundamentos da Gambiarra: A improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico**. Tese de doutorado (USP). 2013. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-02072013-134355/pt-br.php>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

CAMPBELL, Brígida; **TERÇA-NADA! Marcelo. Manifesto: por uma cidade lúdica e coletiva, por uma arte pública, crítica e poética**. Disponível em: <<http://poro.redezero.org/publicacoes/manifesto/>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

CAMPOS, Alexandre; TEIXEIRA, Carlos M.; MARQUEZ, Renata e CANÇADO, Wellington (org). **Espaços Colaterais**. 2008.

CATALYSTS. Urban. **Urban Pioneers - Temporary Use and Urban Development in Berlin**. 2007.

CERTEAU, Michel de. **The Practice of Everyday Life**. 1984.

CIRUGEDA, Santiago. **Estrategias de ocupación subversiva**. 1999.

DEBORD, Guy. **La société du spectacle**. 1967.

GADANHO, Pedro. **Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities**. 2014.

GEHL, Jan. **Cities for People**. 2009.

GORDON, Douglas. **Do-It-Yourself Urban Design :‘Improving’ the City through Unauthorized, Creative Contributions**. Disponível: <[http://home.uchicago.edu/~gdouglas/GCCDouglas\\_DIYUrbanDesign-ASA2011.pdf](http://home.uchicago.edu/~gdouglas/GCCDouglas_DIYUrbanDesign-ASA2011.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

GROSSMAN, Vanessa. **Arquitetura e urbanismo Revisitados Pela Internacional Situacionista**. 2006.

HARVEY, David. **“O direito à cidade”**. In: Revista Piauí. Jul. 2013. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/tribuna-livre-da-luta-de-classes/o-direito-a-cidade>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

HARVEY, David. **Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution**, 2012.

HARVEY, David. **Cities for All: proposals and experiences towards the right to the city**. 2010.

HAUBERG, Jørgen. **Research by design: a research strategy**. Disponível em: <<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/2043/2043.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

- HO, Cathy Lang. **Spontaneous Interventions: Design Actions for the Common Good**. Disponível em: <<http://www.spontaneousinterventions.org/reading/>>. Acesso em: 16 jul. 2015.
- LEFREVE, Henri. **O Direito à Cidade**, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. 1991.
- LYDON, Mike. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**, 2015.
- LYDON, Mike. **Tactical Urbanism 2. Short-term Action for Long-term Change**. Disponível em: <[http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical\\_urbanism\\_vol\\_2\\_final?e=4528751/2585800](http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol_2_final?e=4528751/2585800)>. Acesso em: 16 jul. 2015.
- MANZINI, Ezio. **Design para inovação Social e a sustentabilidade**. 2007.
- MASCARENHAS, Luísa Prado. **Reconversão urbana do Largo da Batata: revalorização e novos conteúdos da centralidade de Pinheiros**. Universidade de São Paulo (mestrado), 2014.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Commonwealth**. 2009.
- PRICE, Cedric. **Cedric Price: Works II, Architectural Association**, 1984.
- REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO. **O que é espaço público?**. Jul. 2013. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>> . Acesso em: 16 jul. 2015.
- ROSA, Marcos L. (org.) **Micro planning. Urban creative practices**. 2011.
- ROSA, Marcos L. / Weiland, Ute, **Handmade Urbansim**. 2013.
- SANSÃO, Adriana. **Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. 2013.
- SENNET, Richard. **Together: The Rituals, Pleasures, and Politics of Cooperation**. 2012.
- SIMMEL, George. **The Metropolis and Mental Life**. 1976.
- RIBEIRO, Ana Clara; SILVA, Maria Lais Pereira da; VAZ, Lilian Fessler (Org.). **Leituras da cidade. Rio de Janeiro: Letra Capital; ANPUR, 2012**. Disponível em: <[http://issuu.com/letracapital/docs/leituras\\_da\\_cidade](http://issuu.com/letracapital/docs/leituras_da_cidade)>. Acesso em: 16 jul. 2015.
- WEB URBANISM. **Hack Your City: 12 Creative DIY Urbanism Interventions**. Disponível em: <<http://weburbanist.com/2014/03/12/city-hacktivism-12-fun-diy-urbanism-interventions/>>. Acesso em: 16 jul. 2015.
- PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What is Placemaking?**. Disponível em: <[http://www.pps.org/reference/what\\_is\\_placemaking/](http://www.pps.org/reference/what_is_placemaking/)>. Acesso em: 16 jul. 2015
- PHILLS JR., James; Kriss Deiglmeier, & Dale T. Miller. **Rediscovering Social Innovation**. Disponível em: <[http://www.ssireview.org/articles/entry/rediscovering\\_social\\_innovation/](http://www.ssireview.org/articles/entry/rediscovering_social_innovation/)> . Acesso em: 16 jul. 2015.
- TEMEL, Robert; HAYDN, Florian. **Temporary Urban Spaces: Concepts for the Use of City Spaces**. 2006.
- TROXLER, Peter; VAN ABEL, Bas; EVERS, Lucas; KLAASSEN, Roel. **Open Design Now**. Disponível em: <[http://issuu.com/bis\\_publishers/docs/open\\_design\\_now](http://issuu.com/bis_publishers/docs/open_design_now)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

# CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

## ORGANIZAÇÃO

Bruna Montuori  
Laura Sobral  
Lorena Vicini  
Margarida Gorecki  
Tatiana Karpischek

## COLABORAÇÃO

Bianca Antunes  
Eduardo Zanelato  
Heloísa Sobral  
Katia Mine  
Mauricio Duarte Pereira  
Raphael Franco  
Reni Lima  
Silvia Acar  
Thiago Carrapatoso

## REVISÃO

português Marcos Mauro Rodrigues  
inglês Juliana Mastroeni

## FOTOS

Feitas por vários Batateiros retiradas do facebook.com/abatataprecisadevoce com especial agradecimento à Rachel Schein.

# PARTICIPE!

## PÁGINA NO FACEBOOK

[FACEBOOK.COM/  
ABATATAPRECISADEVOCE](https://www.facebook.com/abatataprecisadevoce)

## GRUPO ABERTO DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA

[FACEBOOK.COM/  
GROUPS/LARGODABATATA/](https://www.facebook.com/groups/largodabatata/)

## SITE E CALENDÁRIO

[WWW.LARGODABATATA.COM.BR](http://WWW.LARGODABATATA.COM.BR)





Atribuição-NãoComercial-  
CompartilhaIgual

CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Realização

**A BATATA  
PRECISA  
DE  
VOCÊ**



**CULTURA  
SERVIÇOS  
DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA**



**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**

Esse projeto foi contemplado pelo Edital Redes e Ruas de Inclusão, Cidadania e Cultura Digital.



**LARGO  
DA  
BATATA**